

LITERATURA, DESIGN E A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS DE FUTUROS

ENTREVISTA COM LAURA DUSI

COLETIVO SINESTÉTICAS*
movimentosinestetico@gmail.com

O futuro, enquanto página em branco, pode ser projetado distópica ou utopicamente e essa construção de narrativas não é atividade exclusiva da literatura. No âmbito dos saraus temáticos online promovidos pelo coletivo Sinestéticas, a edição de 13 de maio de 2020, convidamos a designer brasileira Laura Dusi para falar sobre sua área de especialização, o design de futuros, e apresentar uma visão de como podemos relacionar distopia, utopia e literatura à projeção de futuros através da construção de narrativas. A entrevista, conduzida por Taynnã de Camargo Santos, foi transcrita e adaptada para publicação na edição nº 2 da Revista 2i.

Sobre Laura Dusi

Laura Dusi é designer transdisciplinar, facilitadora de processos criativos para inovação e co-fundadora de Mirada - desconferência latinoamericana de futuros especulativos. Atua principalmente como consultora independente em projetos de inovação e como facilitadora de aprendizagem dos temas design thinking, design de futuros e facilitação. Gosta de experimentar diferentes metodologias criativas e de atuar em temas complexos.

Já colaborou em projetos no Brasil, Estados Unidos e Argentina com organizações como The Design Gym, Echos- laboratório de inovação, IDEO, Institute for the Future, Knight foundation, Organização das Nações Unidas, ORGE Innovation, SEBRAE e Instituto Tellus. É formada em Desenho Industrial pela Universidade de Brasília - UnB (2011), e Mestre (MFA) em Transdisciplinary Design pela Parsons – School of Design at The New School (2016).

Entrevista com Laura Dusi

Taynnã de Camargo Santos: Olá, Laura, como está? Fale um pouco sobre seu trabalho.

Laura Dusi: Tudo bem, na medida do possível. Bom, eu sou designer de formação e trabalho como consultora de inovação. Só que meu viés na consultoria é projetar futuros através do design. É importante frisar isso porque eu vou me referir ao design várias vezes aqui, até para conseguirmos fazer o paralelo com a literatura.

Projetar futuros é uma atividade bem complexa e a verdade é que não existe regra, não existe certo e errado, cada pessoa que trabalha com futuros define suas próprias

* Sinestéticas é o coletivo de artistas fundado em Portugal em 2019 pelos escritores e pesquisadores brasileiros Anderson Antonangelo, Taynnã de Camargo Santos e Vitor Varela.

regras. E não somos só nós, designers, que fazemos isso, mas também artistas, arquitetos e pessoas que nem se denominam como “profissionais que trabalham com o futuro” o fazem. Só que eu faço isso profissionalmente através do design e estabeleci algumas premissas para trabalhar com futuros. Uma delas é que trabalhamos mais com a utopia do que com a distopia. Não que a distopia seja errada e não que não existam designers trabalhando com ela, têm, mas eu optei pela utopia e acho que a nossa conversa vai se desenrolar um pouco por aí.

Acho que a primeira coisa que é bom ressaltar é: por que trabalhar com futuros? Por que as pessoas fazem isso? Dentro do design, fazemos isso para gerar mudança a partir de hoje. Projetamos futuros para conseguir fazer a mudança agora, para entender quais caminhos seguir, relacionado com uma lógica de estratégias de negócio. Isso é o fundamental destacar: nós, designers, trabalhamos com futuros para entender como nós agimos hoje. E a ideia é que não tomemos decisões só sendo reativos com o que está acontecendo, reativos ao presente ou ao passado. A ideia é que possamos ter futuros mais propositivos e que a gente possa de fato se descolar e acelerar as melhorias no mundo.

T.C.S.: Quando falamos da distopia na literatura, podemos inferir que os autores criam esses futuros apocalípticos como uma forma de alerta para a sociedade, indicando que se continuarmos a ter determinados comportamentos, a aceitar passivamente a situação presente, o futuro pode ser negativo. Portanto também é um convite para mudarmos as ações no presente. Então, falando por utopia ou distopia, estamos falando de um olhar para o futuro projetando cenários.

L.D.: Sim, só que quando trabalhamos com distopias, pensando em como a sociedade deve agir, temos que considerar quais são as pessoas que de fato conseguem agir baseadas no medo. Acho que a Luisa [Geisler] comentou bastante disso, que as distopias são construídas despindo-se a humanidade para causar medo. E, de fato, algumas pessoas agem pelo medo, mas a maioria não, a maioria paralisa.

Fazendo um pequeno adendo, tem uma área do design que estuda como as pessoas reagem em momentos de crise, e quem fez treinamento de brigada de incêndio vai saber bem disso. Existem perfis macro: se o prédio está pegando fogo, algumas pessoas paralisam; outras vão agir, puxar os colegas que estão paralisados; e outras pessoas vão ficar correndo atrás do próprio rabo, tentando pegar tudo quanto é coisinha antes de sair do fogo. E, pensando em distopias e utopias, isso também acontece, porque são instintos naturais. É importante entender como nosso cérebro processa o medo. Temos no cérebro duas amígdalas, e elas são responsáveis pelas nossas emoções. Quando você está no meio de um problema, são elas as responsáveis pela reação de luta ou fuga. Essa reação é essencial para a humanidade e é por ela que a gente sobreviveu como espécie até agora, tá? [risos]. Só que hoje, na evolução que tivemos como espécie e como sociedade, os problemas são muito mais complexos. Hoje não estamos falando de fugir de um urso, de inimigos, da guerra... estamos falando de problemas estatísticos. Por exemplo, o risco de sair de casa e ser assaltada, problemas muito mais complexos aos quais estamos sujeitos o tempo inteiro e são as mesmas amígdalas que processam isso. Então nosso pensamento tende naturalmente para o lado negativo, pessimista, e isso pode nos deixar paralisados. Em um projeto, quando buscamos fazer com que as pessoas comecem a agir de forma diferente, se a gente apresenta mais uma coisa que gera medo, é só mais um problema estatístico.

T.C.S.: No nosso dia a dia temos muito mais notícias negativas do que positivas. Existem até algumas iniciativas tentando mudar isso. Eu me lembro que no Brasil existe o "Reclame Aqui", plataforma onde as pessoas registam reclamações sobre as empresas. Então alguém teve a grande ideia de construir uma espécie de "Elogie Aqui". É óbvio que

o "Elogie Aqui" ninguém conhece, já o "Reclame Aqui" está cheio de reclamações. O negativo, a crítica, o pessimismo, parecem ser mais patentes, são mais atrativos. É interessante pensar que os autores distópicos, na possível intenção que tinham de alertar e provocar alguma forma de ação das pessoas para evitar que aquele cenário distópico se tornasse realidade, talvez não tenham escolhido o caminho mais eficiente.

L.D.: Ele [o caminho da distopia] pode ser muito interessante, principalmente para quem está em situação de grande poder como governantes ou grandes empresas, que muitas vezes não estão sujeitos aos problemas relatados numa distopia. Se você pensar que as distopias às vezes exageram problemas sociais, existem pessoas que conseguem se blindar disso. Então quando chega uma distopia para essas pessoas, aí sim eu acho que faz sentido trabalhar com narrativas distópicas. Mas para a maior parte das pessoas e para a maior parte das pessoas com quem eu trabalho, a distopia é mais um não, é mais um "não deve fazer". E a gente sabe, por exemplo, que "não deve fumar", "não deve ficar sentado vendo TV o dia inteiro", "não pode beber", "não pode deixar de comer os verdes..." Temos muitas coisas que não devemos fazer. Mas o que fazer no lugar dessas coisas? Temos poucas propostas que nos levam além, que têm de fato um impacto na nossa vida, de fato um impacto na nossa sociedade.



Fig. 1: Foto da entrevista concedida em maio de 2020.

T.C.S.: Esse contraponto da construção das utopias complementa aquilo que falamos olhando só para distopias. Até existe um gênero literário associado às utopias, mas naturalmente elas reverberam muito menos que as distopias.

L.D.: Em termos de criação de narrativas, e o design também cria narrativas, apesar de não serem escritas. Eu acho que na utopia existe uma outra dificuldade: ela precisa ter um olhar sistêmico, porque estamos falando necessariamente de sociedade. A distopia pode ter um olhar mais individualizado, para um grupo específico, porque conseguimos enxergar o negativo sem precisar pensar em todo um sistema. Na utopia isso não é possível, mesmo porque uma sociedade onde só existe um tipo de narrativa já não é utópica, porque não inclui a diversidade.

T.C.S.: Muito interessante, porque se pensarmos que as distopias trazem sempre um protagonista que representa um grupo social, por exemplo, no *Corpos Secos* (2020) da Luisa Geisler, o mundo distópico é narrado por

diferentes personagens. Então estamos falando de um nicho, uma segmentação muito específica, enquanto na utopia é diferente. Fica até difícil pensar numa escrita utópica e na necessidade de um narrador pleno, quase uma deidade que responde pela humanidade.

L.D.: Sim e é importante conhecer a origem desses termos. De forma simplificada, distopia seria um "lugar ruim". O oposto de "lugar ruim" seria o "lugar bom", a eutopia. A utopia surge como título de um livro, escrito por Thomas More em 1516 e que falava sobre uma ilha, chamada Utopia, que significa "lugar nenhum" (do grego ou, não, e topos, lugar). Ou seja, o próprio autor brinca com a ideia que o termo busca transmitir. As pessoas que vivem nessa ilha e nessa sociedade eram muito diferentes da sociedade da época. Estamos falando do século XVI, tempo das grandes navegações, do descobrimento

da América, e esse autor já narrava uma sociedade onde havia processos democráticos, por exemplo, para eleger a liderança. Enfim, eu não vou dar muito spoiler, acho vale a pena ler o livro.

T.C.S.: Quando conversamos antes dessa entrevista, falamos sobre essa semelhança entre literatura e o design no que diz respeito a construção de narrativas. Não importa se está aplicada na produção de um livro ou de um projeto de design para uma empresa, ambos são narrativas, histórias com intenção, técnicas, personagens, cenários...

L.D.: Sim, eu acho que a utopia faz mais sentido para a minha atuação porque ela abre caminhos, aqueles que são difíceis de enxergar. E uma coisa muito importante de falar sobre esses processos criativos para abrir caminhos e mirar nessa utopia é que são processos colaborativos. Então, se estamos falando de diversidade nesses futuros das narrativas que eu estou criando, são processos colaborativos e com pessoas que pensam diferentes. É só assim que chegamos nesse lugar.

T.C.S.: E é curioso você falar de diversidade nessa necessidade da utopia de pensar no todo, pois podemos pensar que o paralelo dela na distopia são as adversidades, elementos que são adversos à sociedade.

L.D.: Pela forma como usamos a palavra utopia, achamos que é tudo um mundo ideal, só que esse mundo ideal vai mudando conforme o tempo muda. A utopia de uma época ou de um grupo de pessoas não é a mesma de outro grupo de pessoas. Eu trouxe um trecho do livro *Utopia*, de Thomas More, para refletir sobre se as ideias apresentadas seriam ou não seriam consideradas utópicas atualmente: "Cada um - homem ou mulher - aprende um segundo ofício além da agricultura e, como as mulheres são fisicamente mais fracas, encarregam-se dos trabalhos mais leves, como a tecelagem, enquanto os trabalhos mais pesados são atribuídos aos homens. Em geral, por natural propensão, os filhos são treinados para a profissão do pai, mas se acaso mostram preferência por outro ofício, podem ser adotados por outra família que exerça esse ofício. Quando alguém realiza esse tipo de mudança, tanto o pai quanto as autoridades devem certificar-se de que ele está sendo transferido para uma família decente e responsável. Depois que alguém aprendeu um ofício, se tiver vontade de aprender outro, a mesma permissão lhe é oferecida. Mais tarde, poderá escolher entre os dois, a menos que a cidade esteja precisando mais de um dos ofícios do que do outro".¹

T.C.S.: Como a Luisa [Geisler] falou, existem regras do apocalipse. Essas seriam as regras do paraíso.

L.D.: Mas você entende que, hoje, nem tudo isso seria considerado "o paraíso". Se olharmos para esse trecho, ele ainda fala da existência de classes sociais, da diferenciação de gênero, mesmo que bem menor do que era prática na época. E é desta obra que vem a palavra utopia que usamos até hoje.

Sarau Sinestético "Distopias", 13 de maio de 2020.

DOI: [10.21814/2i.3081](https://doi.org/10.21814/2i.3081)

¹ Cf. More, T. (2004). *Utopia*. Prefácio: João Almino. Tradução: Anah de Melo Franco. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais.